



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

"Eu não sabia que era artista!": Exposição Nós de Aruanda, Artistas de Terreiro no Cenário Cultural Afro-Amazônico

Autoria: Carlos Arthur Góes Cordeiro (UFPA - Universidade Federal do Pará)

“EU NÃO SABIA QUE ERA ARTISTA!?: EXPOSIÇÃO NÓS DE ARUANDA, ARTISTAS DE TERREIRO NO CENÁRIO CULTURAL AFRO-AMAZÔNICO A referida proposta para a comunicação é fruto parcial de pesquisa de mestrado em “Ciências do Patrimônio Cultural”, ofertado pela Universidade Federal do Pará, que terá como objetivo central compreender as diversas nuances inseridas para a consolidação das “artes religiosas” de terreiros no cenário das grandes produções culturais da Região Metropolitana de Belém do Pará. Para essa jornada de estudo multidisciplinar sobre os artefatos, simbolismo e expressões ancestrais produzidos dentro das casas de terreiros religiosos e, exposto na exposição intitulada “Nós de Aruanda, Artistas de Terreiros”, tornar-se-á um campo investigativo profícuo em compreender o que é patrimônio artístico cultural para as povos tradicionais de terreiros ao longo das edições de 2013 à 2019. Tal abordagem de pesquisa vêm a



suscitar, devido os integrantes das casas de santo não se identificarem com as artes contidas nas galerias, pois em sua grande maioria são europeias ou euro-americanas, não sendo um patrimônio artístico de identidade para seu povo. Neste caso, se fez necessário ações de políticas culturais dentro dos movimentos de cultos afro como possibilidade de evidenciar essas tradições de fazeres e saberes nos espaços de poder legitimadores, ou seja, a exposição Nós de Aruanda, Artistas de Terreiro surge como essa intermediadora dessa ação social, cultural e identitária na cidade de Belém. Entretanto, o grande desafio era evidenciar essas ?artes? de terreiro nas galerias da cidade e, convencer que os filhas e filhos de santo ?artistas?, pois, em muitos casos, não se identificavam como tal, como na fala da representante religiosa Mametu Nangetu, ao pronunciar-se no encerramento da exposição de 2013 ao declarar-se: ?Eu não sabia que era artista!?, ficando nítido a existência de particularidades para o condicionamento do ?eu artista? de terreiro neste cenário cultural das artes. Portanto, percebe-se nesses espaços legitimados pela grande arte o total apagamento e invisibilidade dos patrimônios de terreiros pelos produtores culturais da cidade, não observando a existência de outros saberes e práticas simbólicas ancestrais no cotidiano da Amazônia Paraense, neste caso, a exposição de ?arte religiosa? de terreiros vem trazendo este movimento de luta para o reconhecimento de seus bens artísticos dos cultos afro de Belém.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: